



MEMÓRIAS NA PONTA DO ALICATE: ENTRELAÇAMENTOS ENTRE MEMÓRIA E IDENTIDADE EM “A MAIOR PONTE DO MUNDO”

MEMORIES AT THE PLIER'S TIP: LINKS BETWEEN MEMORY AND IDENTITY IN “THE LARGEST BRIDGE IN THE WORLD”

Janaina Wazlawick Müller*

Universidade Feevale – FEEVALE

 <https://orcid.org/0000-0001-9267-8668>

janainaw@feevale.br

www.revistafenix.pro.br

RESUMO: Este estudo versa acerca das interpretações da memória e da identidade no conto “A Maior Ponte do Mundo”, de Domingos Pellegrini. Objetiva-se aliar as representações das memórias expostas pelo protagonista do conto ao contexto histórico em torno dos últimos dias da construção, em 1974, de maneira a abordar as condições de trabalho e as implicações da autoridade presentes naquele momento. Bem como, analisar a importância da identidade dos trabalhadores e da rotina exaustiva vivenciada por eles.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Identidade; Historicidade; Autoridade.

ABSTRACT: This study deals with the interpretations of memory and identity in the short story “The Largest Bridge in the World”, by Domingos Pellegrini. The objective is to combine the representations of the memories exposed by the protagonist of the story with the historical context surrounding the last days of construction, in 1974, to address the working conditions and the implications of authority present at that time. As well as analyze the importance of the workers' identity and the exhaustive routine experienced by them.

KEYWORDS: Memory; Identity; Historicity; Authority.

* Doutoranda e Mestra em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. Licenciada em História pela mesma universidade. A pesquisa foi realizada em trabalho de dedicação exclusiva a partir da bolsa de estudo CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

INTRODUÇÃO

Não era, de fato, a maior ponte do mundo, mas o orgulho nacional pulsava em cada viga metálica. Por isso, tanto para os trabalhadores, cujo suor era a base dos quilômetros que se estendiam, quanto para o público que assistia a ponte tomando forma, os engenheiros, investidores e líderes do projeto afirmavam com pompa – sim, aquela era a maior ponte do mundo. Entretanto, não é desse jeito que o protagonista do conto de Domingos Pellegrini a interpreta; para ele, pelo menos no início, a ponte é apenas mais uma construção na qual vive e trabalha.

Sabe-se que esse personagem, um narrador sem nome e sem maiores especificações físicas, atua para uma corporação empresarial nominada de Companhia, e possui uma existência errante. Em sua solteirice, ele não tem lugar fixo e muda de alojamento de acordo com a próxima barragem para a qual é convocado a trabalhar. É o ideal de liberdade em que acredita: de cidade em cidade e contrato em contrato, sempre com seu alicate, e nada além de algumas regras de segurança rotineiras de um electricista para orientar o dia.

Essa conjuntura, todavia, transforma-se quando a Companhia o recruta em uma nova empreitada. Junto de um colega chamado 50 Volts – o mais próximo que se tem de um nome em todo o texto, o Narrador é levado por alguns homens que, a mando da Companhia, custeiam uma série de paradas agradáveis: uma churrascaria onde os funcionários poderiam comer à vontade, um prostíbulo e um café da manhã completo. A boa ação da Companhia não é gratuita e pode ser vista como preparação e despedida dos prazeres, dado que o serviço que aguarda os trabalhadores será diferente dos anteriores – fato que eles descobrem logo ao adentrar o canteiro de obras daquela que viria a ser a maior ponte do Brasil.

No decorrer das semanas, o Narrador, 50 Volts e incontáveis funcionários atravessam um período de expediente árduo, com poucos intervalos para descanso, comida rala e café forte para que se mantenham acordados. A segurança não é garantida, a morte é tratada com descaso e não há a opção de desistência, pois tudo o que importa aos dirigentes é a finalização da ponte. E o Narrador, ao perceber que nenhum pagamento poderia compensar o cansaço extremo e a privação de sono, até tenta pedir suas contas, mas é ameaçado pelos poderes dominantes da relação de trabalho em que está inserido, e é obrigado a permanecer na rotina exaustiva.

Então, enfim, o serviço é concluído quando chega o dia da inauguração. Dia também no qual os trabalhadores são levados para longe das festividades de abertura e,

nesse caminho, o Narrador acaba descobrindo que seu alicate, companheiro de tantas obras, desapareceu. Ciente de que não poderá recuperá-lo, ele se conforma, sem demonstrar o orgulho que os outros colegas sentiram por terem participado da construção da maior ponte do mundo.

Nisso, em síntese, tem-se a história contada por Domingos Pellegrini. Pensando que o texto foi publicado na década de 1970 e destacando os elementos da própria narrativa, como a ocasião em que os operários alcançam o Rio de Janeiro e avistam o Cristo Redentor pouco antes de chegar na obra da ponte que, supostamente, seria a maior ponte do mundo, conclui-se que o cenário trata da construção da Ponte Rio-Niterói. E, mais importante, verifica-se que o conto explana uma visão que poderia ter permanecido invisível diante de uma iniciativa de tal dimensão: a perspectiva daqueles que materializaram as ideias do projeto. Pellegrini traz a rotina de um trabalhador que, ao não ter um nome, pode representar muitos, além da jornada fatigante a qual ele e inúmeros outros foram submetidos.

Dessa forma, e considerando as possibilidades de interpretação mediante aos pontos salientados nos parágrafos anteriores, esclarece-se que o presente artigo visa analisar o conto “A Maior Ponte do Mundo” na abordagem do sujeito trabalhador imerso em relações de poder, na representação da memória, e no processo de estruturação da identidade presente no desenvolvimento dos personagens e na própria imersão do leitor no texto. Para tanto, destaca-se a historicidade na narrativa, aliando-se ao contexto que o enredo perpassa e aos olhares do Narrador, evidenciando assim os modos como a obra literária convence e envolve em suas relações de sentido com a realidade.

HISTÓRIA E MEMÓRIA EM UM HOMEM SEM NOME

Por muito tempo, historiadores buscaram pelos fatos através de acontecimentos registrados em documentos entendidos como oficiais, que trariam uma verdade absoluta. Nesse olhar, tinha-se o favoritismo pelos grandes episódios políticos e econômicos, e pelas personalidades retratadas nas figuras de líderes, reis, tiranos. Os aspectos relacionados ao cotidiano e cultura, e os sujeitos comuns que permeavam os fatos, mas terminavam imperceptíveis por não terem sua presença reconhecida e registrada nos documentos oficiais, começaram a ser ressignificados a partir da gradual quebra dos paradigmas no fazer histórico. Na compreensão de que a história era somente um entre os discursos a respeito do mundo (JENKINS, 2001), desconstruíram-se ideias estabilizadas sobre a verdade, e

ampliaram-se as possibilidades no uso de fontes, nos olhares direcionados aos sujeitos e fatos, e na fragmentação do isolamento no campo da história.

Para o artigo, pensou-se nas articulações entre história e literatura, ressaltando que o entendimento da noção de texto literário se associa ao reconhecimento de que ele é fenômeno da linguagem, bem como, “[...] universo ficcional que, entretanto, traduz dimensões sociais, históricas e culturais [...]”. (SARAIVA, 2006, p.30). Ademais, no trabalho de interpretação do conto e nas reflexões acerca da memória e da identidade, cabe apontar a consideração da sensibilidade como peça fundamental.

A tradução das dimensões presentes na ficção não ocorre de maneira tranquila, em razão de que nas leituras não se obtém uma organização sequencial de acontecimentos que se revelam em totalidade para o leitor/pesquisador. Nas palavras de Saraiva (2006, p.40), a literatura pode “[...] pode assumir a função de geral, criticar e renovar padrões sociais de comportamento, tendo em vista que, pela identificação, provocam a adesão afetiva do leitor, traduzindo, igualmente, o apelo à transformação da própria realidade social.”. Logo, enquanto fenômeno e universo de múltiplas dimensões, na literatura tem-se peças de um quebra-cabeça que não será finalizado e cuja imagem jamais será completa, pois sujeitos, leitores, leituras e contextos estão em constante transformação. Percebe-se a ocorrência de uma aventura, na qual há uma busca por “[...] vestígios de ‘fatos’ menos palpáveis que só se captam pela sensibilidade, intuição ou imaginação, por metáforas mais que por conceitos.”. (CHIAPINI, 2000, p.24).

Há nas obras o potencial para o não-dito, o não-revelado; aquilo que não se entrega imediatamente e que deve ser investigado não somente pela consciência dos fatos, mas pela sensibilidade que se manifesta quando uma narrativa encontra um leitor. Segundo Candido (2010, p.83), “frequentemente tendemos a considerar a obra literária como algo incondicionado, que existe em si e por si, agindo sobre nós graças a uma força própria que dispensa explicações”, porém, a literatura é atravessada por influências, contextos, posicionamentos e representações. Assim, nota-se que nos entrelaçamentos entre história e literatura quebram-se os paradigmas da verdade e da objetividade, uma vez que as reflexões advindas da dinâmica de pesquisa não trarão um olhar certo acerca da fonte, mas uma perspectiva entre aquelas que são possíveis. Independentemente do rigor no processo de análise, a objetividade absoluta não poderá ser alcançada, dado que leitor/pesquisador, tal como a narrativa, estão submersos em conjunturas e trazem consigo bagagens – experiências, ideologias, leituras anteriores. Nas palavras de Compagnon (1999, p.146), “quando lemos, nossa expectativa é função do que já lemos, [...] e os acontecimentos

imprevistos que encontramos no decorrer de nossa leitura obrigam-nos a reformular nossas expectativas e reinterpretar o que já lemos [...]”.

As múltiplas possibilidades e interpretações, portanto, não desvalorizam a pesquisa. Ao contrário, a enriquecem ao diversificar abordagens e perspectivas que desviam-se do normativo e dogmático. Entende-se, enfim, que a história é uma prática discursiva e as palavras que a constituem não são transparentes, tornando-se necessário focar-se nos modos plurais que atravessam a produção da fonte, e nos olhares a serem debatidos no trabalho que será construído ou reproduzido. (JENKINS, 2001).

No caso do conto “A Maior Ponte do Mundo”, tem-se um episódio histórico que se sobressai e serve de mote para o desenvolvimento da história – mas que não se revela para o leitor de maneira explícita. É a construção da Ponte Rio-Niterói, cujo início se deu no ano de 1968 durante o governo Costa e Silva, em plena Ditadura Militar no Brasil. Salienta-se que 1968 foi um ano emblemático no país, com a morte do estudante Edson Luís¹, a ocorrência da Passeata dos 100 Mil² e a instituição do decreto AI-5³. Ao mesmo tempo em que o governo militar agia duramente, a oposição manifestava-se de modo mais contundente, fazendo com que as tensões se intensificassem e resultassem num endurecimento gradual das práticas de governo.

Afinal, a perpetuação da ideia de unificação da nação era um dos objetivos dos líderes da ditadura – característica que está vinculada a aprovação da construção da Ponte Rio-Niterói, à época nominada como Ponte Presidente Costa e Silva. Pretendia-se demonstrar a força do país através da realização de uma grande obra de engenharia que figuraria uma manifestação física do orgulho nacional, externando a ambição de que não fosse somente a maior ponte do Brasil, mas uma das maiores do mundo. Além do mais, a conexão entre Rio de Janeiro e Niterói também se associava a noção de integração nacional e a afirmação do Brasil enquanto potência. (COSTA; AZEVEDO, 2018).

No conto, a magnitude é mencionada no espanto do Narrador ao chegar no canteiro de obras; devido às dimensões, o personagem, embora possuísse experiência na construção de barragens, fica aturdido: “Quando vi o Cristo Redentor, dali a um minuto a caminhoneta parou. Era a ponte. [...] Me disseram depois que é a maior ponte do mundo,

¹ Edson Luís de Lima Souto foi um estudante brasileiro morto por policiais militares em meio a um protesto no Rio de Janeiro, em 28 de março de 1968.

² Manifestação organizada por estudantes contra a Ditadura Militar, no dia 26 de junho de 1968.

³ O Ato Institucional Número 5 fez parte do conjunto de atos institucionais que marcaram a legislação no governo militar. Foi considerado o mais rígido de todos e, entre suas determinações, apontou-se o aumento da intervenção militar e a suspensão das garantias constitucionais.

mas eu adivinhei na hora que vi; só podia ser a maior ponte do mundo.” (PELLEGRINI, 2001, p.367). Explica-se que a entrada do Narrador se dá em 1974, ano em que a ponte foi entregue à população; ainda que o projeto tenha obtido aprovação em 1968, diversos atrasos e modificações na liderança da obra provocaram atrasos, o que exigiu que, nos últimos 720 dias, houvesse uma intensificação no empreendimento.

Foram trazidos mais trabalhadores num esforço para que a ponte fosse finalizada antes do término do governo de Ernesto Médici: “Faltava um mês pra [sic] inauguração e aquilo fervia de peão pra [sic] cima e pra [sic] baixo, você andava esbarrando em engenheiro, serralheiro, peão bate-estaca [...]”. (PELLEGRINI, 2001, p.367). Por conta disso, pela pressa e pressão para que a construção pudesse ser inaugurada em tempo, verificou-se a ocorrência de mais incidentes e, conseqüentemente, o aumento do número de operários mortos. De acordo com informações advindas do Regime Militar, teriam sido 33 as fatalidades durante o trabalho. Todavia, segundo registros da imprensa, o total de mortos poderia alcançar o número de 400, considerando que não se dedicava tempo para os resgates. (OTÁVIO; GOÉS, 2014).

Pensando nesse panorama, traz-se a distinção de “A Maior Ponte do Mundo”, pois, mesmo que o título se utilize da ponte como referência, o conto não se dedica a discursar sobre a construção ou o projeto em si. Ao invés de focar-se nas dimensões faraônicas ou trazer o olhar daqueles que chefiavam a obra, tem-se a perspectiva individual de um sujeito entre tantos, que trabalhou naqueles últimos dias intensos, quando o serviço de anos se concentrou em meses. As memórias do Narrador trazem os lados invisíveis da ponte e do que poderia ter se passado por detrás dos anúncios de que aquela era a expressão do orgulho nacional. Nas descrições da rotina e nas falas que denunciam a exaustão e a falta da empatia dos chefes, que somente se preocupavam com os prazos, ocorre uma dinâmica que materializa as memórias do sujeito: “depois todo eletricitista deixou de tomar banho, a gente catिंगava na última semana. Às vezes eu ouvia um tapa, era um de nós se batendo na cara pra [sic] acordar. Eu beliscava a orelha, ou então o bico do peito, pra [sic] segurança de estar vivo [...]”. (PELLEGRINI, 2001, p.370).

Entende-se que “[...] a leitura prevê um exercício de aproximação [...]” (SARAIVA, 2006, p.37), ou seja, para além da ponte, o leitor encontra-se com quem tornou a Ponte Rio-Niterói *a maior ponte do mundo* – um mundo que se concentrava no canteiro de obras e que a fez ser tanto maior em extensão, quanto naquilo que cobrou e exigiu para ser concluída. Cogita-se que, em uma suposta pesquisa a respeito da construção pensando na historicidade e nos impactos sobre a população da região, não seria comum

que o pesquisador se voltasse para um recorte que tratasse especificamente dos trabalhadores responsáveis pela fiação elétrica. Entretanto, eles surgem na literatura, falando e denunciando, e suas palavras fazem com que o leitor encontre um fragmento de existência que poderia ficar perdido no tempo, mas do qual se aproxima e que ganha contornos de realidade: “A parte elétrica, quando a gente chegou, estava crua de tudo; o pessoal trabalhava dia e noite com energia de emergência, [...], fio descascado, emenda feita a tapa. Cada peão daqueles levava mais choque num dia do que um cidadão normal na vida toda.”. (PELLGRINI, 2001, p.378).

Na memória individual desse único funcionário que, apesar de mergulhar em sua própria exaustão, permanece observando os demais – seu colega 50 Volts, os chefes e outros trabalhadores, tem-se uma memória coletiva que situa o conto em um espaço e âmbito temporal. Assim, a leitura torna-se um exercício de deslocamento, uma experiência que “[...] está sempre localizada e situada, concentra-se numa cena específica, nunca é abstrata.”. (PIGLIA, 2006, p.23). Bem como, percebe-se a literatura não somente como fonte para essa memória individual e coletiva, posicionada em determinada época, mas também algo que ultrapassa a ideia do documento e traz a complexidade e as propriedades problemáticas do real. (CHIAPINI, 2000).

Contudo, cabe uma reflexão relativa à ideia de realidade. Alicerçando-se nos entrelaçamentos entre memória, história e literatura apontados em “A Maior Ponte do Mundo”, argumenta-se que a análise do presente artigo não aborda uma realidade duplicada. O autor se posiciona diante de seu tempo, nas representações existentes na obra e, por fim, na recepção e configuração da narrativa, segundo leituras anteriores e concepções de tempo do próprio leitor. Por isso, pensando na noção de mimese, a atividade literária não é uma cópia do real, mas representação artística de algo; sem ser uma réplica do idêntico, entende-se que ao narrar, ordena-se o tempo em que vivemos. (RICOEUR, 1994). São as histórias que nos orientam a refletir acerca do que fomos, somos e seremos. A literatura é, portanto, mais completa do que a realidade, pois abrange percepções que o sujeito possui apenas em fragmentos. Nas palavras de Saraiva (2006, p.29),

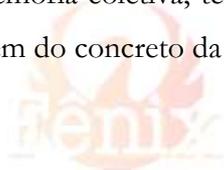
O texto literário dispensa, pois, a adequação do “mundo possível”, nele instituído, à realidade; contudo, apesar de ser fictício, não abandona sua relação com o real, nem com o presente histórico, que nele interferem tanto como ponto de partida quanto como ponto de chegada, tanto no momento da produção quanto no da recepção. Isso ocorre porque a literatura, assim como outras artes, dá forma concreta a sentimentos,

dilemas, angústias e sonhos, por meio de representações simbólicas, criadas pela imaginação.

Em “A Maior Ponte do Mundo”, o leitor depara-se com a humanidade presente em fatores como alienação, relações de poder, desprezo pela vida, e os limites do corpo e da mente por meio das memórias de um sujeito. Partindo dessas memórias, encontram-se os sentimentos e as angústias, articulados aos elementos que posicionam esse homem no tempo e no espaço. Desse modo, mesmo que não tenha nome ou maiores distintivos físicos, o personagem se torna concreto, uma vez que as palavras, convencendo, envolvendo e persuadindo, fazem-no materializar-se no decorrer da leitura.

A IDENTIDADE EM UM MACACÃO AMARELO

Um rosto invisível e sem nome, cor de cabelo ou de olhos. Pode-se apenas supor que ele é “magrelinho” por conta das palavras de uma prostituta, paga pela Companhia antes que o Narrador e os demais sejam enviados para o trabalho na ponte. Porém, na memória individual do protagonista – e da perspectiva que pontua componentes de uma memória coletiva, tem-se as evidências de um mundo de histórias e existências que estava além do concreto da Ponte Rio-Niterói. Segundo Ricoeur (1994, p.116),



www.revistafenix.pro.br

Contamos histórias porque finalmente as vidas humanas têm necessidade e merecem ser contadas. Essa observação adquire toda sua força quando evocamos a necessidade de salvar a história dos vencidos e dos perdedores. Toda história do sofrimento clama por vingança e exige narração.

Nas palavras do Narrador, descobre-se o olhar voltado para uma das dimensões da vida humana. No emaranhado de cabos da fiação elétrica está o sofrimento do trabalho árduo que, por sua vez, conecta-se aos inúmeros fios que tecem uma complexa rede de poder. Tal rede encontra-se imersa no processo de construção identitária, tanto individual quanto coletiva, e que pode ser percebida desde o princípio da história, quando a Companhia patrocina uma série de prazeres para o Narrador, 50 Volts e outros empregados – uma espécie de compensação e, também, instituição de um vínculo fundamentado na dívida. Isso é notável quando, no caminho para o canteiro de obras, 50 Volts previne o Narrador:

Que eu devia ter dormido. Que a barra ia ser pesada. Os homens tinham ordem de entupir a gente de bebida, fazer cada um dar a sua bombada, comer carne quente até quadrar, tudo aquilo, para depois ninguém

reclamar folga, só podia saber, claro: - Já viu tanto agrado de graça?
(PELLEGRINI, 2001, p.367).

Então, chegando na Ponte Rio-Niterói, o Narrador confirma que seu amigo estava correto. As folgas são irrisórias se comparadas com a jornada do expediente e a noção de tempo se confunde em virtude da falta de sono. É manifestação dos efeitos das relações de poder, que orientam a dinâmica entre os trabalhadores e aqueles que os chefiam, e que influenciam na construção de identidades individuais e coletivas. Esclarece-se, contudo, que essa dinâmica de poder não se restringe ao dualismo definido por empregados x patrões, dado que há diferentes camadas de poder no grupo de trabalhadores. O Narrador e 50 Volts são eletricitas, isto é, funcionários especializados; há os funcionários inexperientes e que acabam alocados em funções mais simples, a exemplo de um garoto, chamado de “frangote” pelo Narrador, que é encarregado de levar o café. Para cima dos eletricitas está o encarregado do setor elétrico, seguindo pelos engenheiros, os supervisores e os engenheiros-chefes que pertencem a Companhia.

Numa avaliação inicial, poderia pensar-se que o conto se baseia numa simples escalada de poder, com lugares bem estabelecidos. Entretanto, de acordo com Hall (1997), o poder está implicado numa circularidade e permeia todos os níveis sociais, o que é representado pela imposição que o Narrador vivencia – no fim, não são os engenheiros ou patrões que exercem o controle, mas um sujeito que é designado apenas por estar de terno, sem gravata. (PELLEGRINI, 2001). Quando o Narrador e 50 Volts decidem pedir suas contas, os homens da Companhia tentam dissuadi-los com promessas e alternativas, lembrando-os também da dívida de honra que possuem com aquela construção. Observa-se que os dois eletricitas têm sua cota de poder, visto que a imposição da Companhia não se alicerça na agressividade, mas nas promessas feitas a partir de um diálogo que evidencia a hesitação em perder os funcionários. No caso do Homem de Terno, a situação é diferente; sem fazer qualquer tipo de promessa, ele se limita a mostrar a arma que traz na cintura e dizer: “[...] olha aqui, peão, se você quer dinheiro na mão vai receber já, mas continua no batente porque aqui dessa ponte você só sai morto.”. (PELLEGRINI, 2001, p.371). Diante da ameaça, os eletricitas se dão por vencidos e retornam ao trabalho.

Nesse cenário, averigua-se alguns elementos de importância: na sociedade, identificam-se sistemas de representação que, ao serem compartilhados, viabilizam a coexistência. (HALL, 1997). Esses sistemas se articulam com a conjuntura na qual os sujeitos estão imersos e, no contexto do Narrador e de 50 Volts, está em decurso a Ditadura Militar, ressaltando que “com efeito, todos sabemos que a literatura, como

fenômeno de civilização, depende, para se construir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais.”. (CANDIDO, 2010, p. 21). Reforça-se que a obra da ponte já se iniciou em um momento de efervescência política no país e apenas cinco dias antes da instituição do AI-5, prolongando-se pelos anos seguintes do Regime por causa do atraso na construção, suspeitas de superfaturamento e mortes pela falta de segurança. (OTÁVIO; GOÉS, 2014). Dessa forma, quando o Homem de Terno intimida os dois funcionários, e os engenheiros presentes não intervêm, aponta-se que ele se sobressai em autoridade aos membros da Companhia. Por seu terno e arma, pensando nos sistemas de representação associados ao contexto, é possível refletir que o homem é um agente do governo, e a ameaça ao Narrador e 50 Volts é representativa da violência que marcava o período.

Aliás, ainda como característica do Regime Militar, tem-se um aspecto fundamental na construção identitária do Narrador enquanto sujeito, e nas significações que podem ser atribuídas à ponte na relação com a identidade nacional. Na ligação entre o Narrador e as interpretações possíveis advindas do ambiente do qual ele faz parte, tem-se a ilusão de vida – o parecer-se com a realidade, que se mostra nas formas de agir e sentir do personagem. (SARAIVA, 2009). O leitor descobre no olhar desses sujeitos e, por esse motivo, pautando-se na verossimilhança, torna-se viável realizar colocações acerca do contexto e sobre o próprio personagem como uma representação identitária existente naquele momento. Nas palavras de Reis (2015, p.56), a obra literária dialoga,

[...] de diversas formas com a cultura e com o imaginário em que se acha inscrito, o escritor representa uma cosmovisão que de certa forma traduz essa sua relação com seu tempo e espaço históricos; uma relação que envolve uma certa reação emocional perante temas, valores e situações expressivas.

Na imersão no contexto do Narrador, verificam-se elementos que se associam a uma cosmovisão determinante no cenário. Em alguns trechos, observa-se a citação ou referência ao orgulho nacional, que deveria se mostrar como o principal incentivo para que ninguém abandonasse a obra, a exemplo de quando o Narrador e 50 Volts expressam seu desejo de ir embora: “[...] a nossa Companhia nunca ia esquecer nosso trabalho ali naquela ponte, um orgulho nacional.”. (PELLEGRINI, 2001, p.370). Outro atributo era a homogeneidade, que serviria para fortalecer a noção do país como uma nação una e, por isso, mais forte. Nesse sentido, não importaria a vontade de um indivíduo, apenas da coletividade funcionando em prol da imaginada glória do Brasil.

A desvalorização do sujeito como portador de identidade é vista no instante em que um dos trabalhadores morre eletrocutado: “[...] enrolaram o defunto num cobertor e

mete a pua, tem só mais uma semana, pessoal!”. (PELLEGRINI, 2001, p.369). Não importava o funcionário, ou mesmo o engenheiro ou o supervisor – só a massa de operários que deveria entregar a obra no prazo estabelecido. Essa era uma das facetas da identidade coletiva constituída ao longo do Regime Militar, que valorizava a nacionalidade baseada no trabalho conjunto, na dignidade da nação e no desenvolvimento econômico a ser mostrado ao mundo.

A perspectiva do Narrador traz em si a ambiguidade de ser protagonista e confundir-se com o autor, adquirindo contornos de realidade. Paralelamente, sendo o Narrador uma representação, ele permanece como personagem. (SARAIVA, 2009). E, na ausência do nome e da descrição desse sujeito, lhe é conferida uma aproximação com o grupo de trabalhadores do período, porque ele poderia ser qualquer um. No entanto, mesmo na estruturação paradoxal do protagonista, é viável localizar traços de uma identidade individual que fornece corporalidade, e que encontra representação no alicate. Na verdade, é mediante o alicate, citado já no parágrafo inicial da narrativa, que o leitor se depara com a primeira angústia do Narrador, definida pela perda do objeto: “eu tinha um alicate que só vendo, encabado de plástico amarelo, na escuridão fosforescia [...] usei oito anos quase todo dia [...]. Daí, quando você perde uma ferramenta que já usou muito, é o mesmo que perder um dedo.”. (PELLEGRINI, 2001, p.364).

Ao colocar o alicate como elemento central da identidade do Narrador, reforça-se o papel do leitor na interpretação, esclarecendo que “[...] o leitor age sobre o texto, desfazendo suas tramas e recompondo-as, abrindo seus espaços vazios para preenchê-los.”. (SARAIVA, 2006, p.38). Então, ainda que o alicate seja citado somente no começo e no fim do conto, sua importância permanece, em razão de que o instrumento auxilia na constituição do personagem como um indivíduo – alguém que, em suas reflexões e perspectivas, ultrapassa a homogeneidade definida pelo macacão amarelo.

Primeiramente, o alicate é apresentado como mais do que uma simples ferramenta de trabalho; ele é um ponto de equilíbrio que trazia o mínimo de estabilidade na vida errante do Narrador. Nos diversos serviços e jornadas, o alicate era uma constante. Principalmente, era propriedade sua e que fazia parte dele, tanto que o personagem compara o sumiço do objeto a perda de uma parte do corpo. De fato, o alicate se torna uma manifestação de individualidade: a ferramenta era sua posse em meio ao processo de construção da ponte, período em que nem seu tempo ou o próprio corpo lhe pertenciam. Por essa razão, a perda do alicate tem repercussões para o Narrador, o que exprime as significações que podem ser atribuídas ao objeto.

No fim do prazo de construção e início das festividades de inauguração, os trabalhadores são mandados embora: “tinha uma banda tocando não sei onde quando enfiaram a gente numas caminhonetas, dez horas da manhã, uns quarenta eletricitistas de olho estalado, cada olheira de quem levou soco.”. (PELLEGRINI, 2001, p.372). Sujos e exaustos, todos são levados para uma praia, e no que o Narrador retira a roupa para entrar na água, percebe que seu alicate desapareceu. Ele, que nunca havia entrado no mar, esquece-se de tudo para procurar pelo instrumento perdido, sem sucesso. Na partida, depois de ter dormido e se alimentado, ele cogita retornar a ponte para procurar pelo alicate, mas 50 Volts o desencoraja: “[...] 50 Volts perguntou se eu tinha ficado louco. Ele tinha ouvido no rádio que passavam não sei quantos mil carros por dia na ponte, e eu querendo achar um alicate.”. (PELLEGRINI, 2001, p.373).

Nessa parte do conto, nota-se que a perda do alicate pode ser ligada a dois tópicos em especial e que se referem ao contexto do personagem: a desvalorização do sujeito diante do coletivo, e a alienação do trabalhador. O alicate, sua posse, é perdido no caos da ponte, e nisso, parte de sua individualidade também se perde, engolida pela força da Companhia, da ponte, do governo. É uma tradução daquilo que a construção consumiu dele, tomando seu corpo e exigindo do Narrador a recusa de suas próprias vontades e segurança, em prol de um objetivo coletivo – retomando que se trata de uma ideia de coletividade instituída pelas relações de poder. Por fim, na colocação de que o alicate jamais poderia ser encontrado no tráfego intenso, ressalta-se o tamanho do objeto quando comparado a ponte, e paralelamente, a existência de um único sujeito diante do poder do grupo.

No que toca a alienação, constata-se que os trabalhadores, apesar do esforço empregado na construção, não participam da inauguração. Inclusive, o Narrador sequer vislumbrou pessoalmente a ponte terminada: “50 Volts até hoje conta prosa de ter trabalhado lá, eu fico quieto. Ele até diz que um dia vai ao Rio só pra [sic] ver a ponte iluminada; mas isso eu vi outro dia, numa revista.”. (PELLEGRINI, 2001, p.373). O alicate possui uma conexão íntima com sua profissão, e quando ele o perde, é salientado a exclusão dos trabalhadores do fruto de seu labor.

Entretanto, a alienação não é completa, visto que há diferenciações entre a conduta do Narrador e de 50 Volts, dado que o segundo se mostra o orgulhoso a despeito dos sofrimentos vivenciados. Este homem, então, aceita a verdade construída pelo discurso dominante e que acaba conduzindo seu comportamento e produções de sentido. (HALL, 1997). O Narrador, por outro lado, não compartilha desse orgulho produzido e reiterado,

contentando-se em ver a ponte em uma revista. Por esse motivo, a perda do alicate também se aproxima de um esclarecimento por parte do Narrador, pois ele nota o que aquela obra tirou dele, e desconstrói o ideal de orgulho que deveria ser perpetuado pela participação na construção.

A jornada do Narrador, incluindo suas relações de trabalho e a presença do alicate como representativo não só da identidade individual, mas da teia que estrutura a identidade coletiva, faz parte de uma das interpretações possíveis do conto “A Maior Ponte do Mundo”, pensando que “o *texto instrui e o leitor constrói*”. (COMPAGNON, 1999, p. 147, grifo do autor). Trouxe-se a identidade interligada às relações de poder e potencialidades em torno da memória por meio dos registros de um indivíduo, vinculando-se a leitura que se intersecciona ao contexto histórico da Ponte Rio-Niterói. Esclarece-se que se trata de uma leitura específica, atravessada por posicionamentos e experiências anteriores, e que resultou na atribuição de significados para a ponte, alicate, Narrador e relações entre esses elementos. Por conta disso, cabe refletir que,



Os traços peculiares do discurso e da linguagem não garantem ao texto literário existência própria, porque as palavras não existem por si mesmas. Para que as palavras rompam seu vazio e se tornem grávidas de sentido, é necessário que o leitor as transfira da materialidade do veículo para sua interioridade e as transforme em parte de sua vida, ou seja, é necessário que o leitor reescreva o texto com sua leitura e passa ser também o mundo com a mensagem que em seu corpo acolheu. (SARAIVA, 2006, p.35).

Mesmo os fragmentos do conto, escolhidos para compor a análise realizada no artigo, determinam os sentidos particulares entendidos e interpretados no texto. Tais fragmentos tornaram-se sintomas da materialidade ao serem retirados, absorvidos e pensados, até retornarem incorporados a uma nova roupagem e inseridos em um novo texto. Desse modo, entende-se que a literatura “[...] não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração.”. (CANDIDO, 2010, p.243). Na leitura conhece-se o Narrador, bem como, é realizada uma aproximação com sua exaustão e o tratamento relegado aos trabalhadores, a partir da qual são dadas as pistas de todo um cenário. O leitor não permanece indiferente, pois diante dele está o sofrimento de um indivíduo que, em sua jornada, representa vários – tudo isso em nome de um discurso instituído e fundamentado no orgulho nacional, que se converte em justificativa para a degradação física e mental, exploração e até a morte.

Quando o Narrador afirma que “[...] era o jeito, era o fim do mundo [...]” (PELLEGRINI, 2001, p.371), faz-se a relação com a ponte que deveria ser a maior do mundo, embora, efetivamente, não fosse. Ela era a maior do Brasil, porém, naquele contexto, o Brasil deveria ser o mundo para o qual os cidadãos deveriam se voltar. Nessa fala, verifica-se que o descrédito do Narrador para com a construção da ponte se transforma em um símbolo: não de orgulho, mas de sofrimento. A ponte que deveria interligar e unir numa demonstração da união do próprio país é, para ele, um fim, no sentido de fim do corpo e da mente submetidos a força da obra e ao peso que ela sobrepõe sobre seus ombros.

Nas palavras de Reis (2015, p.30), a leitura se mostra “[...] como instrumento de dignificação social” e isso, em “A Maior Ponte do Mundo”, não se refere exclusivamente ao ato de ler e ao próprio leitor, abrangendo também os sujeitos representados no cenário conhecido na leitura. No exercício de análise e interpretação, o olhar do leitor/pesquisador converge para novas perspectivas, e aquilo que poderia parecer trivial – uma ponte, um canteiro de obras – ganha significados complexos, capazes de mudar posicionamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No conto “A Maior Ponte do Mundo”, tem-se no título o destaque para uma ponte que se encontra na etapa final de sua construção. Trata-se da Ponte Presidente Costa e Silva, ou Ponte Rio-Niterói, edificada no período da Ditadura Militar e que, perto da expiração do prazo, necessitou de inúmeros funcionários para acelerar a obra e permitir que a entrega se desse ainda no governo Médici. O mutirão exerceu suas funções por semanas seguidas e, devido aos raros períodos de descanso, houve exaustão física e psicológica, acidentes de trabalho e morte. É essa a perspectiva apresentada pelo protagonista e narrador do conto: um homem sem nome, com uma vida errante que o faz partir de trabalho em trabalho, sem um lugar fixo. Seu único ponto de equilíbrio é um alicate, companheiro fiel em diversos empregos. Por essa razão, com o enredo a desenvolver-se sob o olhar de um operário, percebe-se que, afinal, o conto não trata da ponte, e sim dos sujeitos que a construíram.

Acompanha-se então as últimas semanas antes da inauguração. E, nisso, encontram-se os elementos que articulam as memórias desse Narrador com a historicidade em torno do projeto que ligou Rio de Janeiro e Niterói – e que, sem ser uma simples construção, tornou-se representação de uma época e da memória coletiva do período da ditadura no Brasil. Reflete-se que mesmo o título do conto situa tal identidade e memória

coletiva, dado que a ponte seria a maior do Brasil e não a do mundo. O Regime Militar ambicionava elaborar uma identidade nacional fundamentada na homogeneidade e no orgulho do país, além da intenção de transmitir ao mundo uma fase de intenso desenvolvimento, que daria ao Brasil a oportunidade de tornar-se potência mundial. Em meio a essa conjuntura, o Narrador e seu colega, 50 Volts, junto de outros funcionários, são tratados como uma massa trabalhadora sem direito de questionar ordens ou serviço – o que é perceptível quando os dois personagens decidem pedir a demissão e, como resposta, são ameaçados de morte. É a violência enquanto medida disciplinar para manter a homogeneidade.

A Ponte Rio-Niterói é, portanto, um discurso da ditadura e do poder. E se refere ao esgotamento e ao trabalho que jamais acabava, fazendo com que, para o Narrador, a construção parecesse ser muito maior do que realmente era. Também se associa ao trabalhador no decurso do cotidiano no canteiro de obras – um cotidiano constituído por dias que não tinham início ou fim, onde não havia segundas ou sextas, e o calendário era definido pelo tipo de comida servida e pelos gritos constantes dos encarregados, que davam ordens de pressa porque a inauguração se aproximava. E aborda, ainda, a alienação, pelo motivo de que justamente quando a ponte é finalizada, os empregados são colocados em transportes e afastados das comemorações de inauguração. Independentemente da dedicação e até das fatalidades em prol do cumprimento dos prazos, a eles não é permitido compartilhar dos frutos de seus esforços, sendo que a privação é representada pela perda do alicate do Narrador. O objeto que era sua posse e principal instrumento de trabalho acaba engolido pela ponte e por todas as forças que a rodeiam, deixando impraticável a recuperação. Igualmente, não é possível recuperar o que a ponte exigiu do Narrador, tanto da dignidade quanto da identidade.

Verifica-se que o Narrador, em sua individualidade, viabiliza a aproximação e identificação com sujeitos que poderiam tornar-se invisíveis, considerando a história da Ponte Rio-Niterói. Entretanto, mediante a narrativa literária, tem-se a oportunidade de submergir nos novos olhares, que humanizam essa construção e ultrapassam o concreto e os poderes dominantes daquele período. Pois, mesmo que o Narrador tenha sofrido em sua trajetória, ele exerceu certos mecanismos de poder ao não compartilhar do orgulho que seus colegas sentiram ao fazer parte da equipe de construção. E, ao não demonstrar tal orgulho, desafiou os fundamentos dos discursos de poder ditatorial voltados para homogeneidade de pensamentos, identidade e memória. Conclui-se, assim, que o conto “A Maior Ponte do Mundo” não se limita as referências históricas, uma vez que trata da

natureza humana. E, tendo o humano como centro, em suas contradições, ideias e desvios, nota-se que as narrativas são uma forma de existência, e que a própria vida é uma forma de narrar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CHIAPINI, Ligia. Literatura e História. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. **Literatura e sociedade**. São Paulo, 2000, v. 5, p.18-28.

COMPAGNON, Antoine. O Leitor. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 1 ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 139-164.

COSTA, Gabriel Soares; AZEVEDO, Marlice Nazareth Soares de. Niterói anos 1970: a expectativa da Ponte Rio-Niterói como fator de desenvolvimento. In: **XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo: A Cidade, o Urbano, o Humano**, 2018, Rio de Janeiro. XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2018.

HALL, Stuart. The work of representation. **Representation: Cultural representation and cultural signifying practices**. 1 ed. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

OTÁVIO, Chico; GÓES, Bruno. Infográfico Ponte Rio-Niterói. **O Globo**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://infograficos.oglobo.globo.com/pais/ponte-rio-niteroi.htm>> Acesso em: 27 nov. 2019.

PELLEGRINI, Domingos. A maior ponte do mundo. In: MORICONI, Italo (Org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 364-373.

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

REIS, Carlos. Literatura como instituição. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013, p. 19-102.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa, a trílice mimese. **Tempo e narrativa**. Tomo I. 1 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994, p. 85-136.

SARAIVA, Juracy Assmann. O estatuto do narrador. **O circuito de memórias**. 2 ed. São Paulo: Edusp, Nankin, 2009, p. 25-40.

_____, Juracy Assmann. Por que e como ler textos literários. In: SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani. **Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental**. 1 ed. Porto Alegre Artmed: 2006. p. 27-44.

RECEBIDO EM: 08/10/2020 PARECER DADO EM: 26/01/2021